

Rio +10 Brasil divulga críticas ao sistema ONU

*Constatação é que
esforços são gastos
para evitar retrocessos
ao invés de avançar*

EVANILDO DA SILVEIRA

Às vésperas da realização da Rio +10, Conferência Mundial do Meio Ambiente, marcada para Johannesburgo, na África do Sul, entre agosto e setembro, a sensação dominante sobre o processo preparatório do encontro é de perplexidade e frustração. A constatação está no documento A Caminho de Johannesburgo – Rio +10 Brasil: Balanço e Perspectivas, que será divulgado oficialmente na segunda-feira, pelo grupo de trabalho Rio + 10 Brasil.

Como o título indica, o texto é um balanço do Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Sustentável: de Estocolmo a Johannesburgo – Rio +10 Brasil, realizado no Rio, em junho. O documento também delineia as perspectivas para a Conferência de Joannesburgo.

Segundo a avaliação do grupo, os resultados produzidos até agora são extremamente tímidos diante da expectativa que se tinha quando da convocação da Cúpula de Johannesburgo. Para o Rio +10 Brasil, não se avançou no sentido de ações concretas. Ao contrário, constatou-se que na verdade a luta é para evitar retrocessos em relação às conquistas de 1992, e não no sentido de promover avanços significativos na implementação daquilo se decidiu na ocasião.

O documento constata ainda que “convenções e princípios acordados na Rio-92 são agora questionados, e o impasse entre as posições dos países desenvolvidos e em desenvolvimento nunca foi tão explícito e de tão difícil conciliação”. Um exemplo citado é a dificuldade de acordo sobre a redução de emissões de gases de efeito estufa. Os países industrializados e os produtores de petróleo em desenvolvimento juntam-se para impedir a substituição de combustíveis fósseis por fontes renováveis de energia.

Para o Rio +10 Brasil, esse quadro demonstra a debilidade da Organização das Nações Unidas (ONU) e o esgotamento do seu ciclo de grandes conferências, que começou com a Rio-92 e seguiu com Conferências sobre Direitos Humanos (Viena-1993), População (Cairo-1994), Mulheres (Pequim-1995), Desenvolvimento Social (Copenhague-1995). Para reverter essa situação, seria necessário garantir a presença do maior número possível de chefes de Estado e de governo em Johannesburgo e dar início a uma mobilização mundial em torno de uma cidadania planetária, em que cada cidadão seja responsável pelo planeta.